

Notas etnográficas sobre a constituição de relações homoeróticas femininas em João Pessoa, PB

Notas etnográficas sobre la constitución de relaciones homoeróticas en João Pessoa, PB

Ethnographic notes on the constitution of female homoerotic relationships in João Pessoa, PB

Jainara Gomes de Oliveira¹
UFSC

Resumo: O presente trabalho se situa no interior dos estudos de gênero e sexualidade e sua interface com a antropologia das emoções. Neste trabalho, o objeto de análise são as relações que se estabelecem entre mulheres com práticas homoeróticas, residentes na cidade de João Pessoa, PB. A abordagem teórica deste trabalho parte das provocações de Michel Foucault que discute a sexualidade sob um ponto de vista histórico como um dispositivo de produção de subjetividade que opera por meio da incitação dos discursos de controle do corpo e dos seus prazeres. Esta pesquisa foi desenvolvida dentro dos marcos epistemológicos da pesquisa social qualitativa e durante todo o período da pesquisa os dados foram produzidos por meio de uma abordagem etnográfica que envolveu situações de observação participante em espaços de sociabilidade e entrevistas.

Palavras-chave: Afeto; Homoerotismo; (Homo)sexualidade feminina.

Resumen: El presente trabajo se sitúa en el interior de los estudios de género e sexualidad y su interface con la antropología de las emociones. En este trabajo, el objeto de análisis son las relaciones que se establecen entre mujeres con prácticas homoeróticas, residentes en la ciudad de João Pessoa, PB. El acercamiento teórico de este trabajo parte de las provocaciones de Michel Foucault que discute la sexualidad bajo un punto de vista histórico como un dispositivo de producción de subjetividad que opera por medio de la incitación de los discursos de controle do cuerpo e de sus placeres. Esta investigación se desarrolló bajo los marcos epistemológicos de la investigación social cualitativa y durante todo su período los datos fueran producidos por medio de una acercamiento etnográfico que involucró situaciones de observación participante en espacios de sociabilidad y entrevistas.

Palabras-clave: Afecto; Homoerotismo, (Homo)sexualidad femenina

Abstract: This work lies within gender studies and sexuality and its interface with the anthropology of emotions. In this work, the object of analysis is the relationship established between women with homoerotic practices, resident in the city of João Pessoa. The theoretical part of this work the provocations of Michel Foucault argues that sexuality under a historical point of view as a device for the production of subjectivity that operates through inciting speeches control of the body and its pleasures. This research was conducted within the epistemological benchmarks and qualitative social research throughout the research period the data were produced through an ethnographic approach, which involved participant observation in situations of social spaces and interviews.

Keywords: Affection; Homoeroticism; Female (homo)sexuality.

¹ Doutorado em andamento em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora associada do SEXGEN/CNPq - Grupo de Pesquisa em Sexualidades, Corpo e Gênero, vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: gomes.jainara@gmail.com

A construção social da sexualidade

A abordagem teórica desta pesquisa parte da discussão de Foucault (1984, 1985, 1988) que enfoca a sexualidade a partir de um olhar histórico como dispositivo de produção de subjetividade que atua por meio da incitação dos discursos de controle do corpo e dos seus prazeres. Para Foucault os significados que atribuímos à sexualidade e ao corpo são socialmente organizados e historicamente modelados no interior de relações definidas de poder (2012).

Para Vance (1995) a abordagem construtivista da sexualidade tem como objetivo:

Examinar seus significados subjetivos, a esfera do comportamento e da ideologia, além de analisar o corpo, suas funções e sensações como potenciais (e limites) incorporados e media dos pela cultura. Nessa abordagem, a força universal imperiosa do impulso sexual, a importância da sexualidade na vida humana, o status universalmente privado do comportamento sexual ou sua natureza essencialmente reprodutiva são apresentados como hipóteses e como pressupostos a priori (VANCE, 1995, p. 23).

Essa perspectiva permite entender a sexualidade como uma construção social, ou seja, a sexualidade deve ser abordada a partir do seu contexto específico. Deste modo, a percepção do que significa corpo e sexualidade depende das experiências que são compartilhadas pelos indivíduos, as quais são construídas socialmente pelo contexto cultural em que estão inscritas.

Nessa perspectiva, pretendo focar a minha análise nas particularidades das trajetórias afetivo-sexuais entre as mulheres, integrantes do universo dessa pesquisa. Proponho ainda, um deslocamento interpretativo, portanto, não será meu objetivo abordar o “ajustamento” de identidades nem a configuração de gênero que o compartilhamento dessas práticas ou desejos sexuais poderia produzir.

Isso significa dizer que não podemos fixar as identidades e práticas socialmente, uma vez que os sujeitos experimentam diversos estilos de vida (Koury, 2010). Além disso, seria uma maneira de disciplinamento social, de controle social, de normatização dos corpos e dos desejos (Foucault, 2012).

Situado no interior desse marco teórico, o conceito de homoerotismo proposto por Costa (1992) para substituir o termo homossexualidade se constituiu em um importante instrumento enquanto estratégia argumentativa para desenhar uma interpretação de orientação construtivista. Nas palavras de Costa:

quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente com diversas maneiras com outros do mesmo sexo. Em outras palavras, o homem homoeroticamente inclinado é, como facilmente acreditamos, alguém que possui um traço ou um conjunto de traços psíquicos que determinariam a inevitável e necessária expressão da sexualidade homoerótica em quem quer que os possuísse. A particularidade do homoerotismo em nossa cultura não se

deve à pretensa uniformidade psíquica da estrutura do desejo comum a todos os homossexuais; deve-se, sugiro, ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria (COSTA, 1992, p. 22).

Esse recorte conceitual corrobora com as incursões teóricas que pretendo desenvolver no decorrer desse trabalho, na medida em que, ao fazer uso dessa categoria estou me referindo às possibilidades que os sujeitos têm de estabelecer relações afetivo-sexuais com outros sujeitos do mesmo sexo biológico, descartando o modelo identitário. Devo ressaltar que concentro minha análise particularmente nos saberes produzidos sobre o homoerotismo feminino.

Nesse sentido, pretendo situar a problematização da naturalização da heterossexualidade como categoria que organiza a sociedade de maneira hierárquica e excludente. Isso significa dizer que considerar a heterossexualidade como a condição “natural” condicionou as práticas homoeróticas femininas a uma condição patológica. Deste modo, a hegemonia da heterossexualidade estigmatizou (Goffman, 1998) as experiências homoeróticas entre mulheres, consideradas como doença, desvio (Becker, 2008) e vergonha (Scheff, 2011).

Essa naturalização das diferenças sexuais e das sexualidades entre os sexos, enquanto categoria de análise, diz respeito à heterossexualidade compulsória como definida nos termos conceituais de Rich (1980/2010). Trata-se, portanto, de uma instituição política que se esforça em associar estreitamente sexo, gênero, sexualidade e heterossexualidade. Esse conceito nos auxilia a analisar as normas que sustentam as relações de poder na esfera da sexualidade e do desejo, mas apesar de reconhecer a legitimidade desse conceito na atualidade, comungo da necessidade de radicalizar essa proposta de desconstrução binária. No entanto, não devemos entender essa desconstrução como um desmonte. Para Butler:

A ação do gênero requer uma *performance* repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação [...].

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (BUTLER, 2003, p. 200).

Em síntese, os atributos do gênero não são expressivos, mas performáticos. Isto significa dizer que, são constituintes de identidades que pretensamente exteriorizam. Deste modo, parto do pressuposto da não fixidez das referências identitárias de gênero e sexo, atentando para o seu caráter performático.

Intimidade, sexualidade e individualização

Durante muito tempo a sexualidade estava confinada no campo estritamente controlado pelo casamento institucionalizado. Apenas no século XX, ocorre a dissociação definitiva entre sexualidade e reprodução. Essa despadronização das trajetórias conjugais proporcionou outras maneiras de estabelecer relações íntimas entre os sujeitos, na contemporaneidade (Bozon, 2004).

Com a politização da intimidade e da sexualidade (Rubin, 1993/2003) no século XX, os vínculos afetivos foram remodelados e a partir dos novos processos de individualização o conceito de confiança (Giddens, 1993; Bauman, 2004; Luhmann, 1991; Simmel, 2001, 2003; Zamboni, 2009; Oliveira, 2012, 2013) foi acionado como um importante instrumento analítico a ser incorporado nas interpretações acerca das relações afetivas e sexuais contemporâneas.

A emergência de uma subjetividade e de um sujeito modernos fez parte do processo histórico que proporcionou a dissociação entre sexualidade e a ordem tradicional da reprodução que por muito tempo, integrou os princípios fundamentais da organização social. A autonomização de um domínio da sexualidade devido o enfraquecimento da velha ordem da reprodução possibilitou a diversificação das experiências sexuais e ampliou o repertório sexual. Essas mudanças, por sua vez, foram incorporadas ao processo de construção dos sujeitos modernos e da individualização.

Devido às mudanças conjugais contemporâneas, as práticas sexuais destinadas à reprodução passaram a ser marginalizadas e o casamento deixou de ser definido como uma organização institucional e passou a ser definido como uma experiência interna e subjetiva do casal. O laço estabelecido entre sexualidade e conjugalidade, principalmente a partir do século XX, redefiniu as relações de gênero na sociedade contemporânea. Com a abertura para o afeto nas relações conjugais, o casamento como instituição tem se desestabilizado e a sexualidade adquiriu um lugar significativo na construção e sustentação da relação conjugal (Foucault, 1988).

Esse lugar central que a sexualidade adquire dentro das relações conjugais contemporâneas compromete a estabilidade desses relacionamentos, uma vez que a sexualidade se constitui em uma linguagem fundamental do relacionamento. Deste modo, a constituição dessa nova forma de conjugalidade enquanto ambiente obrigatório dos afetos, a centralidade da sexualidade e a importância da subjetividade na constituição e interiorização das relações conjugais possibilitaram a desinstitucionalização do casamento, o enfraquecimento da regulamentação sexual, bem como o surgimento de novos rearranjos conjugais.

Para Bozon, a “diversificação e individualização das trajetórias conjugais e afetivas e o declínio da regulamentação sexual por meio de princípios absolutos” (2004, p. 54), fazem parte do processo de individualização dos comportamentos. E ainda que permaneçam a existir normas sociais que regulamentem a sexualidade, as expectativas com relação ao prazer se individualizam.

É a partir dessa legitimidade da autonomização da sexualidade em relação à reprodução e a conjugalidade, que as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Mello, 2005) corporificaram-se como uma das novas formas de institucionalização de vínculos conjugais. Neste trabalho, pretendo abordar

particularmente, as singularidades constitutivas das relações afetivo-sexuais estabelecidas entre mulheres.

Estilos de vida, Projetos e Afetos

A partir do conceito de liberdade individual na relação entre a cultura subjetiva e cultura objetiva (Simmel, 1998), o antropólogo Koury (2010) aborda o processo de individualidade e de diferenciação na sociedade moderna contemporânea. Para Koury os estilos e modos de vida e sua relação com a individualidade na sociedade, principalmente, na realidade urbana, resulta da interação entre indivíduos sociais.

O que amplia e complexifica ainda mais o processo de individualidade, produzindo um aumento e um crescimento da cultura subjetiva, e objetivando-se em uma sequência de produção objetiva da cultura e dos modos de viver social. A diferenciação, se, de um lado, produz encontros e novas formas de inserção individual no urbano, de outro, faz brotar focos de divergências e conflito que estimulam uma maior diferenciação e novos olhares sobre si mesmo e os outros (KOURY, 2010, p. 42).

Nesse sentido, a subjetividade como marca que define os sujeitos e a racionalização se constituíram em particularidades que não podem ser dissociadas de um outro modo e estilo de vida, no *lôcus* urbano específico dessa liberdade. Devo ressaltar que, estou interessada particularmente sobre o estilo de vida de mulheres com práticas homoeróticas (Heilborn, 2004) e nos seus movimentos de ruptura e de ressignificação pautados por uma perspectiva de individualização, singularização e intenções de afetividade.

O indivíduo significa para Velho (2002) uma construção histórica e social circunscrita em espaço-tempo específicos e são as ideologias individualistas que fixam o indivíduo socialmente significativo, como valor básico da cultura e configuram sua identidade individual. Deste modo, a partir de uma perspectiva antropológica, sobre o processo de individualização podemos concluir que:

Em toda sociedade existe, em princípio, a possibilidade da individualização. Em algumas será mais valorizada e incentivada do que em outras. De qualquer forma, o processo de individualização não se dá fora de normas e padrões por mais que a liberdade individual possa ser valorizada, pois, quando esta vai de encontro ou ultrapassa as fronteiras simbólicas de determinado universo cultural, ter-se-ão, provavelmente, uma situação de *desvio* com acusações e, em certos casos, estigmatização (BECKER, 1996 e VELHO, 1971, in VELHO, 1980, p. 40).

Deste modo, as emoções são mais ou menos valorizadas dependendo da intrínseca relação entre campos de possibilidades e os paradigmas culturais existentes (Velho, 1980), complexificando os laços que se estabelecem entre indivíduo, sociedade e cultura (Koury, 2004, 2009).

Sobre as interlocutoras, observei que suas experiências e práticas afetivo-sexuais entre mulheres sustentam uma certa distância entre sexo e afeto, apesar de este

panorama não satisfazer todo o conjunto das entrevistadas. Para estas, seus relacionamentos estão pautados por uma perspectiva marcada pelas noções de individualidade e projeto (Velho, 2002, 2003). Nas suas narrativas relatam que procuram sexo sem afetos, desconstruindo os discursos sobre a predominância da afetividade nos relacionamentos entre mulheres. Além disso, as interlocutoras apresentam relatos de busca por novas experimentações sexuais. Dentre os vários aspectos que contribuem para isso, podemos destacar a ruptura de determinados estigmas vinculados à homossexualidade. Esse quadro de mudanças se constitui principalmente a partir do surgimento do feminismo e do movimento de liberação homossexual, ainda que recentes.

Para o outro conjunto de interlocutoras, por sua vez, seus relacionamentos com outras mulheres foram caracterizados por uma escolha pautada em critérios afetivos e sexuais e na emoção do amor. Tratam-se de mulheres que enfatizam a afetividade, sem descartar a sexualidade. Esta junção entre afeto e sexualidade corrobora com o que Giddens (1993) conceituou de amor erotizado. Para estas, a emoção fidelidade (Simmel, 2003) deve ser apreciada como um importante instrumento de manutenção da relação. Outro aspecto importante nas relações homoeróticas aqui mencionadas é a centralidade da emoção confiança na constituição e manutenção da conjugalidade (OLIVEIRA, 2012, 2013).

Esta forte valorização da experiência individual da emoção reconhecida por amor, justifica-se pelas mudanças que foram privilegiadas pelo maior reconhecimento do homoerotismo na sociedade moderna contemporânea. Isto significa dizer que o reconhecimento da experiência individual da emoção amor e uma maior visibilidade e legitimidade do estilo homoerótico depende da circunstância social e dos padrões de normalidade legitimados por esta. Nesse sentido, suas biografias individuais (Velho, 1994) demonstram que foram capazes de infringir a determinação social, pelo fato de poderem reconhecer-se como sujeitos desejantes e desejados (Gagnon, 2006) e portadores de afetividades.

Em síntese, a menor discriminação ao homoerotismo, a possibilidade de reconhecimento e valorização do projeto de relacionamento afetivo e sexual entre mulheres foi um aspecto de extrema relevância nas suas experiências cotidianas. Deste modo, a constituição de relações afetivo-sexuais entre as mulheres que integram o universo dessa pesquisa, em certa medida, escapa dos imperativos morais.

Retomando as provocações principais desenvolvidas no decorrer do texto, faz-se necessário salientar que tomar as relações afetivo-sexuais entre mulheres, bem como seus estilos e modos de viver na contemporaneidade, significa elaborar propostas metodológicas e teóricas que consigam abrigar no seu interior a complexidade do processo de individualização. Na medida em que, as práticas homoeróticas constituem experiências singulares, conforme exposto a partir das narrativas biográficas individuais das interlocutoras.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2004). **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BECKER, Howard. (2008). **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOZON, Michel. (2008). **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- BUTLER, Judith P. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FOUCAULT, Michel. (1988). **História da Sexualidade 1: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. (1984). **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- _____. (1985). **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- _____. (2012). **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal.
- COSTA, Jurandir Freire. (1992). **A inocência e o vício: estudos sobre homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- GAGNON, John. (2006). **A interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond.
- GIDDENS, Anthony. (2002). **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Unesp.
- GOFFMANN, Erving. (1998). **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- HEILBORN, Maria Luiza. (2004). **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond.
- KOURY, Mauro. G. P. (2004). **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura.
- _____. (2009). **Emoções, cultura e sociedade**. Curitiba: RCV.
- _____. (jan/jun 2010). Estilos de vida e individualidade. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 41-53.
- LUHMANN, Niklas. (1991). **O amor como paixão**. Lisboa: Difel.
- MELLO, Luiz. (2005). **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond.
- OLIVEIRA, Jainara G. De (2012). “De perto e de dentro – Um olhar antropológico sobre o acesso a saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL”. **RBSE. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online)**, v. 11, p.737-812, 2012. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>
- OLIVEIRA, Jainara G. de. (2013). A confiança nas relações homoeróticas femininas. **Anais do XXIX ALAS – Congresso Latinoamericano de Sociologia**, Santiago (no prelo).
- RUBIN, Gayle. (2003). “Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade”. **Cadernos pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu UNICAMP, nº. 21. pp. 01-88.

- _____. (1993). *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. In: ABELOVE, Henry; BARALY, Michele Aina; HALPERIN, David (Eds.). **The Lesbian and Gay Studies Reader** (p.3-44). New York, London: Routledge.
- RICH, Adrienne. (2010) Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 05, p. 17-44.
- _____. (Summer – 1980). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience. **Signs**. Women: Sex and Sexuality, v. 5, n. 4, p. 631-660.
- SCHEFF, Thomas. (abril de 2011). A vergonha como a emoção principal da análise sociológica. Alguns exemplos nas músicas populares. **RBSE**, v. 10, n. 28, pp. 74-86.
- SIMMEL, George. (2001). **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (dezembro de 2003). Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica. **RBSE**, v. 2, n. 6.
- SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold (orgs). (1998). **Simmel e a modernidade**. Brasília: editora da UnB.
- VANCE, C. (1995). A antropologia redescobre a sexualidade. Um comentário teórico. **Phisys: Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, pp. 7-31.
- VELHO, Gilberto. (1986). **Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1999). **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1994). **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1980). **Projeto, Emoções e orientação em sociedade complexas**. In: FIGUEIRA, S (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- ZAMBONI, Marcela. (2009). **“Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor”: a confiança nas relações amorosas**. (Tese de doutorado) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco.

Submetido em dezembro de 2014

Aceito em março de 2015